



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## QUE FAZER?

O País continua a viver no calor da luta que desde Abril tem levantado centenas de milhares de portugueses contra o terror salazarista em grandes manifestações e movimentos reivindicativos.

Neste momento milhões de portugueses perguntam: Como derrubar este poder feroz que recorre a todos os crimes para continuar a explorar e oprimir? Quais as lutas que temos de levar por diante para chegar ao levantamento nacional?

### Das pequenas às grandes lutas

Para passar a uma nova etapa de luta é preciso que seja posta de parte a ideia de que depois das últimas manifestações já só há lugar para a luta armada e que todas as outras formas de luta estão esgotadas.

Pelo contrário, o que se impõe neste momento para conduzirmos à frente o movimento anti-fascista nacional é multiplicar e tornar mais amplas e decididas todas as lutas parciais, de modo a que por todo o país se desencadear uma verdadeira campanha de lutas populares contra a guerra de Angola, por melhores salários, pela Amnistia, contra as bases estrangeiras, etc.

Foi na sucessão destas lutas parciais que se treinaram os combatentes das últimas manifestações e na prática da nova luta deste tipo que se formaram outros milhares de combatentes e se criou o ambiente para acções superiores e decisivas. Pretender passar desde já à luta armada quando apenas pela nossa impaciência seria arrastarmos o movimento democrático português para grandes reveses.

### Organizar para lutar

Porque razão não é possível passar agora à luta armada?

Porque ainda não dispomos de uma forte organização patriótica à escala nacional. Porque precisamos de muitos mais combatentes treinados e com hábitos de organização. Porque não podemos improvisar de repente os milhares de Juntas Patrióticas que em todo o País asseguram o triunfo do levantamento nacional. Porque o nosso Partido não dispõe de uma organização necessária para uma tal tarefa.

Organizar já pois outra das grandes tarefas do momento. Por toda a parte e andando a regresso à prática que seriam as comissões de unidade e as Juntas Patrióticas. Em toda a parte devem existir e actuar os comités do Partido. Só organizado poderá o nosso povo desenvolver todo o seu imenso poder, revulsivo.

### Fortalecer a Unidade

Por outro lado, se é na acção e na organização das massas que a unidade se cria, é também indispensável que se fortaleça a unidade das forças democráticas em particular do seu organismo mais representativo — a Junta Patriótica. No momento em que se abrem manobras para salvar o salazarismo enganando o povo com possíveis mudanças de fecho, e acção decidida dum Junta Patriótica forta e prestiglada pode ter um papel decisivo para anular tais manobras e conduzir o povo à vitória.

Fortalecer a unidade das correntes democráticas é portanto outra das grandes tarefas que se nos colocam.

### Conquistar o apoio das Forças Armadas

Mas estas três condições não são ainda suficientes para o triunfo da insurreição armada, do levantamento nacional. É preciso também que dentro das Forças Armadas penetre muito mais a influência democrática, se começa a que uma parte se ponha ao lado do povo e uma outra parte se recuse a combater-lo. Se fôssemos para o combate decisivo sem assegurar esta condição, cairíamos para uma derrota certa.

Há pois um profundo trabalho a fazer no Exército, na Marinha e na Aviação e ainda dentro das próprias forças repressivas, da GNR, PSP e Guarda Fiscal. Com cuidado mas com audácia devemos aí formar uma forte rede de Juntas Patrióticas.

Cumprir estas grandes tarefas é o dever de todos os anti-fascistas. Trabalhem com entusiasmo e firmeza pela sua realização rápida e a vitória não tardará!

AVANTE PARA NOVAS LUTAS! AVANTE PARA UMA PODEROSA ORGANIZAÇÃO!

## 28 DE MAIO — dia de protesto contra Salazar

Pela primeira vez sob a ditadura salazarista, o 28 de Maio tomou este ano a amplitude duma grande jornada nacional de protesto. Apesar do País ter sido posto em estado de sítio, por toda a parte houve variadas manifestações de luta e de protesto.

Em Lisboa e no Porto, onde foram feitas dezenas de prisões nas vésperas do 28 de Maio, todos os pontos centrais foram ocupados por grandes forças de polícia fortemente armada para impedir a concentração dos milhares de pessoas que vieram para a rua. O sentimento de indignação popular obrigou os fascistas a anular os habituais festejos e o dia decorreu num ambiente de tensão.

Em Setúbal, concentrando ao apelo da Junta Patriótica, muitas centenas de trabalhadores, pescadores, conserveiros, operários da construção civil e muitos jovens, con-

centraram-se no jardim do Bonfim gritando «não queremos Salazar no poder! Fora a tirania!» e avançaram para a Avenida Luís Todi, voltando alguns automóveis de conhecidos fascistas e apedrejando a força da GNR que tentou impedir-lhes o caminho a tiro. Trouve-se luta nas ruas centrais, ficando muitas monturas estilhaçadas. Houve muitos manifestantes feridos e a PIDE fez dezenas de prisões.

Em Almada, cerca de 300 pessoas concentraram-se aos gritos de «Abaixo o fascismo, abaixo os tiranos!», e dando vivas à liberdade. A GNR carregou e fez fogo para dis-

## Grandiosa luta do operariado agrícola

### As 8 horas de trabalho são conquistadas no Alentejo!

Em várias terras, particularmente no Alentejo Litoral, já muitas vezes se tem lutado pelas 8 horas de trabalho e se tem conseguido algumas vitórias. Tais lutas são o protesto organizado contra as exorbitantes jornadas de trabalho de sol a sol, a que são obrigados os que vendem a força do seu trabalho no campo por um preço de miséria. As grandes lutas do nosso povo e, em especial, a preparação da comemoração do 1.º de Maio (jornada Internacional intimamente ligada à conquista das 8 horas de trabalho) elevaram a unidade, a organização e a combatividade também do operariado agrícola.

### No Alentejo Litoral

No Alentejo Litoral cerca de 50 mil trabalhadores (entre os quais 25 mil operários agrícolas) fizeram greve no 1.º de Maio. Muitas manifestações e agitações se fizeram por todo o lado.

No dia 2 de Maio a massa dos operários agrícolas de toda a região, unidos pela sua vontade de conquistar melhor horário e melhor jornada, unidos e organizados pelas reuniões que foram realizadas e pela constituição de muitas comissões, não compareceram ao trabalho ao nascer do Sol.

Só pouco antes das 8 horas começaram a chegar. Um novo horário, estava sendo conquistado com a unidade, a organização e a firmeza combativa dos explorados do campo.

Nas grandes herdades (Palma, Comporta, Barrozinha, etc.) bem as sinetas tocavam segundo o horário de sempre. Só às 12 horas os trabalhadores despegaram voltando de novo ao trabalho às 13, e quando chegaram as 17 horas os trabalhadores fizeram terminar a jornada desse dia.

Assim sucedeu por todo o concelho de Alcácer do Sal, em todo o concelho de Grândola e nos concelhos de Santiago, Sines e até Odemira.

Os ranchos do Algarve e das Beiras, que tinham sido contratados pelas grandes empresas, uniram-se aos trabalhadores da região e todos em conjunto não só conquistaram o horário das 8 horas, mas também um aumento das jornadas de 6 a 8\$00 atingindo, nos trabalhos do arroz, 28 a 30\$00 para os homens e 22 a 25\$00 para as mulheres.

### peras os manifestantes. Num bairro foram estilhaçados os candieiros. No Arsenal do Alentejo os operários paralisaram durante 5 minutos em protesto contra os crimes fascistas.

No Barreiro, surgiu no dia 26 um grande cartaz no rio, em frente à estação dos comboios dizendo: «O 28 de Maio é dia de luto!» Fora Salazar. Amnistia». Milhares de pessoas vivam este cartaz que despertou entusiasmo na vila. A placa do Parque com o nome de Salazar, que já fora borrada a nitro nas vésperas do 1.º de Maio, apareceu com a palavra «Assassino» escrita sob o nome de Salazar. Os fascistas tiveram que retirar.

Em Grândola, cerca de 200 pessoas concentraram-se na Praça da República, sendo dispersas pela cavalaria da GNR.

Esta importante acção, dos operários agrícolas, não podia deixar de sofrer a repressão feroz ao serviço dos grandes agrários e do governo fascista.

Prisões foram feitas em Grândola, Ermidas, Cereal, Torralva, etc. Na grande herdade de Palma (da família Posser de Andrade) a repressão atingiu muita violência. Chamados pelo patrão Francisco Posser, chegaram muitos agentes e guardas da GNR. Aponitados pelos patrões, vários trabalhadores foram chamados ao posto da GNR. Logo que entraram, sem qualquer pergunta, eram barbaramente espancados com pontapes e socos que atingiam todas as partes do corpo, levados a bater com a cabeça nas paredes, ficando a escorrer sangue e quase sem poder falar. Depois foram presos 28 trabalhadores, dos quais duas mulheres. Dois não puderam seguir para a prisão em virtude dos maus tratos: Marcolino Bento e Jacinto Verissimo. Dos trabalhadores presos um, Francisco Monteiro, conta 68 anos e outros, Manuel Dionísio, perto de 80 anos (!)

Ao meterem os presos nos carros celulares houve grandes protestos do povo e as mulheres chegaram a deitar-se à frente dos carros. Entretanto o patrão, recioso do justo ódio dos trabalhadores, fugia com a família para Cascais.

Igualmente o agrário Ramada Curto expulsou os ranchos porque exigiam as 8 horas. Muitos deles, porém, através da sua luta, obrigaram o agrário a garantir-lhes as 8 horas e 28\$00 para os homens e 25\$00 para as mulheres.

### No Alto Alentejo

A luta por melhor jornada e melhor horário atingiu depois todo o Alto Alentejo.

Logo no dia 7 de Maio, ao concentrarem-se na Praça de Jornas, os trabalhadores do Escoural decidiram não cortar um pé de trigo sem as 8 horas e melhores jornadas. Procuraram os ranchos que trabalhavam nas carrovoarias e todos se

(continua na 2.ª pág.)

### A entrevista de A. Cunhal

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a importante entrevista concedida pelo camarada Alveo A. Cunhal a um correspondente da Rádio Portugal Livre Nessa entrevista, que «O Militante» publica na íntegra, o secretário geral do nosso Partido responde com grande clareza e profundidade às questões mais prementes que se colocam para o avanço do movimento anti-fascista nacional.

